

## **TRAJETÓRIAS DO LAZER NO BRASIL: MEMÓRIAS DE ETHEL BAUZER MEDEIROS**

**Recebido em:** 07/04/2011

**Aceito em:** 15/09/2011

*Silvia Cristina Franco Amaral  
Paulo Cezar Nunes Junior*

Universidade Estadual de Campinas  
Campinas – SP – Brasil

Com a leitura de alguns livros, textos soltos e histórias jornalísticas, tivemos nossos primeiros contatos com a Profa. Ethel Medeiros.

Em um momento posterior, a idéia de realizar uma entrevista pessoal começou a ser materializada. Entre emails e telefonemas finalmente conseguimos agendar um encontro para as 15h do dia 25 de setembro de 2010. Foi a própria Ethel quem nos recepcionou, e nos seus 86 anos de idade, durante as quase três horas de entrevista conversou em tom polido e orgulhosa de suas carreiras e de sua trajetória pelo campo do lazer e da recreação.

De 1942 (aos 17 anos, quando inicia seus trabalhos com a recreação em escolas públicas do estado do Rio de Janeiro) pra cá, são quase setenta anos de atuação profissional em diferentes frentes de trabalho e iniciativas tanto em âmbito nacional quanto em âmbito internacional.

Aos poucos os tópicos do roteiro que havia pré-estabelecido foram se perdendo, entremeados por histórias pessoais, conflitos profissionais, costuras, idas e voltas ao longo de uma linha de tempo que não era de fácil compreensão. Neste meio tempo, alguns biscoitos de leite para comer, opiniões autênticas sobre questões polêmicas, poetas e versos, e inúmeras piadas e trocadilhos para ironizar situações cotidianas e marcar a posição política de uma mulher corajosa que atravessou toda a segunda metade do século XX trabalhando ativamente.

### **Entrevista com a professora Ethel Bauzer Medeiros. Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2010. Transcrição revista e ampliada pela entrevistada.**

*Paulo Cezar:* Para iniciar a nossa conversa, gostaria que a senhora falasse um pouco quem é Ethel Bauzer Medeiros.

*Ethel*: Acho que bom mesmo seria ouvir outras pessoas, colegas, ex-alunos, parentes, por exemplo. Mas, para atendê-lo, vou tentar ser o mais objetiva possível. É uma pessoa simples, e simples por opção. Opção difícil porque a simplicidade é uma conquista demorada e trabalhosa. Exige ir deixando de lado tudo o que não é fundamental. Ir-se despojando até ficar só com o essencial. Fácil é ser complicado, falar difícil, com pompa e solenidade, escrever com floreios, usar perfumarias...

Outra característica é ser alegre, cultivar aquela alegria que vem de um coração risonho. Alegria interior, boa para todos porque faz bem à saúde, altera nossa bioquímica e até fortalece as defesas imunológicas. E ainda lubrifica o convívio social. Em poucas palavras, “favorece a sorte”, como afirmava Descartes. Temos obrigação para nós mesmos de ser alegres, porque a alegria não existe em si. É um tempero da vida, que cada qual tem de por na própria existência. E também tem o dever moral de ser alegre, para facilitar a convivência com os outros. Enfim, ela representa duas coisas: obrigação pessoal e dever moral.

Estudiosa, gosta de aprender e de ensinar. De uma curiosidade insaciável, cultiva uma variedade de interesses, entre eles o de dominar várias línguas -- aprendizagem que começou cedo, na infância, estimulada pelos pais, europeus muito cultos. Naquele tempo, nem imaginava o quanto isto iria lhe valer profissionalmente, favorecendo convites para fazer conferências, dar cursos e publicar trabalhos no exterior ou em coletâneas internacionais. Mesmo agora, já perto dos 86 anos e com perda crescente da visão, continua a estudar todo dia. Ultimamente, apaixonou-se pela neurociência, a que tem dedicado horas a fio.

Muito ativa, trabalha com gosto. Já se aposentou várias vezes, mas pouco depois, dizendo-se “inaposentável”, torna a aceitar convites. Com toda essa energia, fez duas carreiras bem sucedidas: uma na área de Medidas e Avaliação em Educação e Psicologia, e outra em Recreação e Lazer. Esta última em boa parte como voluntária, só pela satisfação de promover uma causa nobre, mas ainda carente da atenção dos governantes.

Conhecida por seu senso de humor, sabe descobrir a graça escondida nas coisas, mesmo quando não estão dando certo. E sabe rir dos próprios tropeços, desacertos e deficiências, o que sempre ajuda nas adversidades.

Corajosa e batalhadora, gosta de enfrentar desafios. Arrisca-se. Vai em frente, sem medo de se expor. Seus três filhos também são assim. Não procuram caminhos fáceis. Todos têm doutorado e pós-doutorado no campo das ciências: uma filha em Matemática, outra em Ciência da Computação e o filho em Engenharia Mecânica e Aeronáutica. A propósito, vou te contar dois fatos, que revelam bem essa disposição. O primeiro aos doze anos de idade, quando teve de escolher uma atividade atlética, entre as oferecidas nas aulas de Educação Física do seu

curso ginásial. Optou por nada menos que corrida com barreiras. O outro, vinte e cinco anos depois, quando resolveu estudar e trabalhar com avaliação, área das mais difíceis para atuar, visto que exige julgamento de valor - um processo carregado de subjetividade e emoção, que mexe com o coração da gente. Você sabe que publiquei livros e artigos nessa área?

Leal a seus valores e princípios, quando abraça uma causa, luta por ela com ardor - como na defesa de uma atenção especial da sociedade ao lazer, que vê como uma das necessidades básicas do ser humano. Neste sentido, fez palestras, criou grupos de estudo, participou de debates, painéis e mesas - redondas, fez conferências em congressos nacionais e internacionais. Enfrentou os mais diversos auditórios e publicou extensamente. Só de livros foram 17 -- o primeiro com 763 páginas! E ainda capítulos de livros e de coletâneas, dezenas de artigos em revistas nacionais e estrangeiras, além de livretos -- o predileto "Lazer: necessidade ou novidade?", escrito para contestar a forte corrente que o associa à sociedade industrial. E ainda tomou parte ativa na fundação de quatro associações profissionais: IRA, ABDR, WLRA e ALATIR.

Muito dedicada à família, é casada há 57 anos com outro estudioso, um cirurgião torácico e também pianista exímio, diplomado pelo Conservatório de Música. Tem encantos especiais pelos três filhos (seus melhores amigos, que lhe telefonam diariamente), todos professores e pesquisadores concursados de grandes universidades públicas.

*Paulo Cezar:* Viramos a folha, vamos para a pergunta número 2.

Sua participação direta no ramo do lazer e da recreação iniciou-se em meados da década de 1940. Se fosse traçar uma linha do tempo sobre o tema, de lá para cá, quais fatos mencionaria?

*Ethel:* Só para você se situar, vou principiar por uma visão geral das minhas trajetórias, profissional e pessoal, nesse terreno. Depois entro em detalhes.

Minha trajetória profissional no campo da recreação e do lazer evoluiu da simples promoção de jogos na escola primária até a atuação de um profissional que vê o lazer como necessidade humana básica -- e que por isto é parte importante da qualidade de vida. Algo que exige atenção e cuidados especiais de cada um de nós e mais ainda dos governantes. Responsabilidade social de todos, a pedir políticas públicas de lazer, facilidades materiais e educação para o seu bom aproveitamento, sobretudo nos grandes aglomerados urbanos. A pedir profissionais especializados, para planejar e desenvolver programas públicos nesse sentido. Em resumo, uma longa caminhada, que partiu de jogos organizados para crianças e se estendeu até a promoção de programas públicos, planejados para estimular e facilitar um aproveitamento

saudável do lazer em todas as idades, como fator de saúde e desenvolvimento, e também excelente meio de conscientização ambiental e ecológica.

Já a minha trajetória pessoal nesse campo começou na infância, orientada por pais esclarecidos, que se compraziam em brincar conosco, algo muito mais importante do que apenas nos dar brinquedos. Cultivavam música (meu pai tocava peças eruditas ao piano), liam muito, nos contavam histórias (meu pai lia para nós trechos de poemas, o que provavelmente explica o meu encanto pela poesia, que vivo a ler e reler, anotando versos que me comovem). Faziam conosco caminhadas ao ar livre, na Floresta da Tijuca ou na Quinta da Boa Vista, íamos juntos à praia, visitávamos o Jardim Botânico e o Zoológico, nos levavam a museus, concertos e exposições de arte.

Agora vamos aos fatos marcantes, numerosos porque sempre trabalhei muito e já estou bem perto dos 86 anos...

Minha participação direta no ramo do lazer e da recreação principiou no segundo semestre de 1942, como professora primária num subúrbio distante do Rio. Naquele semestre, a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (então capital do País), em medida de emergência para preencher vagas em sua rede escolar, nomeou “professoras primárias extranumerárias mensalistas” todas as formandas daquele ano, do Curso Normal do Instituto de Educação. E assim, com apenas 17 anos e ainda normalista, fui trabalhar numa escola pública de um subúrbio distante, onde, de saída, desencadeei o primeiro fato marcante da minha vida profissional.

Habituada desde a infância a ver a recreação como parte valiosa e necessária do dia-a-dia, e tendo aprendido no Curso Normal como promovê-la na escola, tratei logo de organizar sessões de jogos no “recreio”. E com isto fui logo incomodando colegas e a administração, que passaram a se queixar do “barulho das brincadeiras e da agitação dos alunos ao voltar para as salas de aula”. Naquele tempo, a escola só oferecia “atividades sérias”. O recreio era apenas uma pausa para descansar, merendar, ir ao banheiro. Mas o pior foi ser chamada à secretaria para apaziguar o pai de um aluno, que reclamava porque o filho (de sete anos!) “estava voltando tão contente da escola, que boa coisa não devia estar fazendo...”. E assim estreei levando um choque, que de início me abalou. Aos poucos, porém, foi sendo superado pela minha convicção do valor da recreação na escola primária -- como fonte de alegria, fator de desenvolvimento pessoal e social, e por isto mesmo excelente meio de educação. Absorvido o baque inicial, fui concluindo que precisava estudar a questão mais a fundo, para fortalecer meus argumentos e dar uma base melhor ao meu trabalho. Passei a frequentar bibliotecas, busquei publicações em centros de estudo, aqui e no exterior, assisti a palestras e participei de muitos

congressos. Pesquisando e estudando, fui aperfeiçoando minha formação. Ganhei confiança para tomar parte em debates públicos e publicar artigos. Todo esse esforço foi atraindo convites, que traduziam o reconhecimento do meu trabalho. Um dos mais significativos foi o do MEC, em 1954, para preparar um Guia de Ensino para Professores na área da recreação, que seria enviado a todas as Escolas Normais do País. Uma incumbência honrosa, que cumpri com paixão.

Um ano antes, em meados de 1953, quando já dava cursos de recreação para professores primários do ensino público em varias capitais do País, ocorreu um fato que teria influência decisiva na minha vida, profissional e pessoal. Abriu-me a porta para um mundo novo e maior. No encerramento do curso que dei no Centro de Pesquisas Educacionais do Paraná, em Curitiba, um dos concluintes, o professor universitário Francisco Albizu, procurou-me para me dizer que apreciara minhas aulas e queria me apresentar à Diretoria da National Recreation Association dos Estados Unidos, organização da qual era o Correspondente no Brasil. Só que para isto precisava do meu currículo, que a essa altura já incluía aprovação em concursos públicos e uma série de títulos. Já me formara Normalista Especializada em Educação Física Infantil pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, Bacharel e Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Nacional de Filosofia da mesma universidade, Mestre em Educação (área de Medidas em Educação e Psicologia) pela Northwestern University, Illinois, e Técnica de Educação do Ministério da Educação e Cultura, por concurso público nacional.

E assim, apresentada por carta à NRA, nela fui bem recebida e iniciei uma correspondência assídua com sua Diretoria. Enviava notícias ou fotos de trabalhos nossos em recreação, que publicavam no seu Boletim informativo e, em troca, me mandavam material semelhante sobre outros países.

Anos depois, em 1956, a NRA iria me convidar para o Conselho Consultivo Internacional do seu primeiro congresso internacional, na Philadelphia, e atuar como moderadora de uma de suas sessões. Foram dias memoráveis de alargamento de contactos profissionais e visitas a serviços de alto padrão, que ampliaram meus conhecimentos e horizontes. Dias de muita aprendizagem, principalmente quando tomei parte ativa na transformação da NRA, uma associação nacional, na IRA, a International Recreation Association. E também fui chamada para o seu Corpo de Diretores, no qual trabalhei por muitos e muitos anos. Mas esta é uma longa história, cujo final deixo para mais tarde.

Outro fato relevante aconteceu em 1954, quando eu já trabalhava no MEC como Técnica de Educação. O Diretor do INEP, Anísio Teixeira, um dos pioneiros do movimento pela “Escola

Nova” (que valorizava o papel da recreação na escola), me chamou ao seu Gabinete, para me encomendar pessoalmente um Guia de Ensino para a Recreação na Escola Primária, destinado à Série de Guias publicada pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais.

Empolgada com tamanha demonstração de confiança no meu trabalho, por parte de uma das nossas maiores autoridades em educação, pus-me logo em campo. Levantei bibliografia, aqui e no exterior, que levei meses analisando. Sobre esta base preparei o plano do que seria o meu primeiro livro. Muito mais que simples coletânea de jogos, planejei-o para defender uma teoria de educação, que salientava as contribuições da recreação ao desenvolvimento e à educação. E por isto mesmo a primeira parte do livro seria de fundamentação teórica, científica e filosófica, a preceder a descrição das atividades. Um livrão cheio de inovações, e tão extenso (763 páginas!) que só saiu publicado em 1959.

Enviado pelo MEC a todos os Cursos Normais e a bibliotecas públicas do País, foi muito bem acolhido. Prova disto são as resenhas que saíram em revistas técnicas e os numerosos pedidos de exemplares, vindos de Secretarias Estaduais e Municipais de Educação. Mais que isto, o interesse de editoras na compra de seus direitos autorais. Em 1961, a Fundo de Cultura o publicou em dois volumes, que iriam esgotar três edições. E em 1964, a editora argentina Ruy Diaz o publicou em espanhol sob o título “Juegos de Recreación” -- uma coleção luxuosa de quatro volumes, ilustrados em cores e encadernados em couro. Distribuído pela América Latina, foi tão bem acolhido, que a Editora me encomendou um quinto volume, destinado a pré-escolares, o livro “Vida en el Jardín de Infantes”, que foi publicado em 1966.

Nesse meio tempo, outros fatos relevantes iam acontecendo, entre eles a fundação da Associação Brasileira de Recreação, com sede no Rio. Produto do movimento que eu iniciara ao voltar do congresso da IRA, entusiasmada com o que vira e aprendera, a ABDR foi fundada em setembro de 1958 por um grupo de recreadores, professores de Educação Física, de Educação Musical e de Artes, assistentes sociais e outros interessados. Eleita sua primeira presidente, promovi vários encontros que, noticiados por jornais, foram atraindo outros profissionais. E assim, aos poucos, a ABDR foi crescendo, passou a publicar regularmente o seu Informativo, deu cursos, preparou e divulgou material didático, apresentou trabalhos em congressos. Apesar da escassez de recursos materiais e financeiros, permaneceu ativa e produtiva por mais de vinte anos.

No início dos anos 60, recebi dois convites altamente significativos: um do MEC, para planejar facilidades materiais para recreação em Brasília; e o outro do Estado do Rio de Janeiro, para integrar o pequeno Grupo de trabalho de Urbanização do Aterrado Glória—Flamengo, composto por um punhado de profissionais de Arquitetura, Engenharia, Botânica e Paisagismo,

todos de renome, todos “cobras”. Um “Butantã”, como o apelidaram. Um parque belíssimo no coração da cidade, com um milhão de metros quadrados à beira-mar. Com espaço para acolher milhares de usuários e possibilitar ampla diversidade de atividades simultâneas. Tudo aberto ao público para o aproveitamento do seu lazer. Parque sonhado e concretizado por uma mulher extraordinária, brilhante e culta, a vanguardeira Maria Carlota C. de Macedo Soares, a Lota, que mudou a paisagem do Rio de Janeiro.

Nesse grupo, trabalhei de 1962 a 1965, como única assessora de educação e recreação, no planejamento das facilidades materiais para recreação no Parque, principalmente no planejamento e construção dos seus dois playgrounds. Neles introduzi inovações, como recantos especiais para idosos e aparelhos criados para estimular a criatividade. Escolhi equipamentos e instalações e defini sua localização. Enfim, trabalhei muito, aprendi muitíssimo. Mas sobretudo tive a alegria de compartilhar um sonho e participar de todas as etapas da sua transformação em realidade.

Já no caso de Brasília, não foi assim. Fui convidada tardiamente. O plano das suas facilidades materiais para recreação, que elaborei e apresentei no prazo combinado, não pôde ser posto em prática. Só me chamaram quando a construção da nova capital já ia adiantada, quase em fase final. Numa etapa em que só se poderiam fazer adaptações no aproveitamento de áreas, na localização de instalações e equipamentos. Cheguei a participar de uma reunião de cúpula, em que tentei discutir a possibilidade de alterar algumas instalações já prontas, mas não deu certo. Consolei-me publicando o plano em revistas técnicas, como a Revista do Serviço Público (DASP) e no livro *Leituras em Planejamento e Urbanismo*, publicado pelo Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM).

Outro marco especial foram as conferências sobre recreação, que fiz em Buenos Aires, Córdoba e San Miguel de Tucumán, seguidas de um curso intensivo na Escuela Universitaria de Educación Física da Universidad Nacional de Tucumán. Tudo em 1964, sob o patrocínio de órgãos da alta administração, como o Consejo Nacional de Educación, Secretarias de Cultura y Acción Social e a Dirección de General de Educación Física.

Mas o decênio mais marcante foi o dos anos 70, a começar pela publicação do livro “Lazer no Planejamento Urbano”, em 1971, em edição conjunta das Fundações Getúlio Vargas e Ford. Obra pioneira, iniciada com uma revisão inédita do nosso histórico desde os tempos da nossa colonização. Bem acolhida, seria adotada por escolas Escolas de Arquitetura e esgotaria 2 edições, a segunda em 1975. Só não saiu em castelhano, conforme a proposta da Editora argentina Paidós, apresentada em 1973, porque obstáculos burocráticos incontornáveis inviabilizaram o projeto.

Também em 1971, elaborei a convite 50 verbetes sobre “Recreação e Jogos Infantis” para o Grande Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda. Em 1975, preparei o verbete sobre “Recreação” para a Enciclopédia Britânica do Brasil (BARSA) e, em 1978, os conceitos de “Lazer”, “Recreação” e “Principais tipos de atividades lúdicas” para o Thesaurus--Educação, MEC. Tarefas difíceis e de grande responsabilidade, porque exigem bom domínio dos tópicos e habilidade de síntese para respeitar o rigoroso limite do número de caracteres.

Outros fatos que merecem menção especial decorreram de uma série de convites do Instituto Brasileiro de Administração Municipal, o IBAM, entidade de alto nível, inspirada numa instituição holandesa que qualifica e aperfeiçoa pessoal da alta administração municipal. Por muitos anos colaborei com esse Instituto, fazendo palestras e conferências em seus cursos de planejamento e desenvolvimento da recreação municipal. A par disto, preparei artigos para a sua Revista. Em 1970, fiz a revisão crítica do ensaio “Sistema urbano de recreação: necessidade de pesquisa”, de Luiz Carlos M. Toledo. Anos depois, elaborei um manual de orientação do planejamento e da promoção de atividades de lazer e recreação nos municípios, que intitulei “O Município e a Recreação”. O livro foi publicado e distribuído aos municípios do país, em 1976, numa iniciativa conjunta do IBAM e da Secretaria de Planejamento da Presidência da República. E ainda me renderia a alegria de receber cartas e elogiosas de várias prefeituras e de acompanhar de perto o funcionamento de alguns dos seus programas públicos de recreação.

Em 1974, quando um grupo de estudiosos fundou em Porto Alegre o CELAR/ PUCRS, tive o privilégio de ser convidado para fazer a conferência de abertura do seu 1o Seminário sobre o “Lazer no Mundo atual”. Foi um encontro estimulante, onde conversei longas horas com profissionais de alto porte, como Zilah Totta, professora de grande inteligência e cultura, pioneira de cursos de pós-graduação em lazer no Brasil, e Frederico Gaelzer, outro pioneiro, pessoa alegre e simpática, que fez questão de me hospedar na sua casa. Apreendi muito.

Em 1975, um dos fatos mais relevantes foi a publicação pelo SESC/ADRJ do livreto “Lazer: Necessidade ou Novidade?” Obra polêmica, que analisa o lazer como necessidade básica do ser humano, presente ao longo de toda a história da humanidade, desde seus primeiros tempos, em oposição à forte corrente dos que o veem como produto da sociedade industrial. Obra original que busca argumentos na poesia, por entendê-la com reflexo expressivo das inquietações e aspirações de cada cultura.

Outro ponto alto em 1975 foi a conferência sobre “Sistemas Urbanos de Recreação e Educação”, na Escola Interamericana de Administração, num de seus cursos de pós-graduação para funcionários da alta administração de países da América Latina.

Bem mais marcante foi minha intensa participação na fundação da World Leisure and Recreation Association (WLRA), em 1976, pela transformação da International Recreation Association numa associação mundial, com um campo mais largo, que inclui o lazer. Nela continuei a trabalhar de início como membro da sua Diretoria, mas pouco depois na qualidade de um dos seus Vices Presidentes. Permaneci neste cargo até 1980, quando pedi demissão por não ter mais condições de viajar com frequência. Afastei-me da Vice Presidência, mas não da WLRA, continuando a lhe dar minha colaboração.

Também em 1976, a WLRA me convocou para atuar como Moderadora em duas sessões do Forum de ONGS, paralelo ao HABITAT, Conferência Mundial das Nações Unidas, em Vancouver. E também para integrar a comissão de cinco membros encarregada de defender junto a delegados oficiais dessa assembléia da ONU a proposta da WLRA em relação ao lazer. E o grupo se desincumbiu tão bem dessa tarefa, que a proposta foi aprovada em plenário, e transformada em uma das 64 Recomendações finais do HABITAT. Uma vitória memorável, que tirou o lazer e a recreação da categoria inexpressiva de “outros serviços sociais”, para lhes dedicar atenção especial dentro do capítulo sobre “Educação, saúde e outros serviços sociais”. Foi uma alegria ouvir a leitura em voz alta, para um plenário com representantes oficiais de tantos países, da Recomendação C18, que principia assim: “Na medida em que as nossas cidades continuam a se expandir, uma necessidade humana básica, de importância crescente, exige atendimento para que se colham os benefícios capazes de ser oferecidos pelo lazer e a recreação.”

Outro ponto alto foi a conferência sobre “Sistemas Urbanos de Recreação e Educação”, na Escola Interamericana de Administração, num de seus cursos de pós-graduação para funcionários da alta administração de países da América Latina.

Em setembro de 1977, participei intensamente (até como intérprete voluntária para os que não falavam inglês), da 1ª conferência de Especialistas em Liderança para o Lazer, na Universidade de Michigan. Anos depois iria participar em condição semelhante da segunda conferência do mesmo grupo (a INTERCALL), em Porto Rico.

Em 1978, tive a honra de ser chamada para fazer a palestra de abertura do 7º Congresso da International Playground Association (IPA), tradicional organização canadense, com sede em Ottawa. E a seguir ver publicado o meu discurso em inglês e francês.

Em 1979, outro convite honroso foi o da World Federation for Mental Health for Children and Families, para participar de uma sessão do seu Congresso Internacional na Áustria, e também para depois integrar o pequeno grupo multinacional de debate, constituído em sua maioria por médicos, psiquiatras e psicólogos.

Em 1980, destaco três fatos marcantes: a assessoria, a convite, na estruturação da Secretaria de Estado de Desportes e Lazer do Maranhão (SEDEL); a fundação da Asociación Latinoamericana de Tiempo Libre y Recreación (ALATIR), que ajudei a criar, e para a qual fui eleita Vice-Presidente; e a publicação na Inglaterra do livro *In Celebration of Play*, cujo capítulo introdutório coube a mim escrever. Foi uma distinção inesperada ser escolhida para encabeçar uma coletânea de trabalhos de 22 profissionais notáveis de vários países (na maioria da Europa). Gosto muito do texto que preparei, sem dúvida o melhor dentre os capítulos que escrevi para várias obras. Depois te conto mais.

Em 1984, ao fim de uma palestra em Belo Horizonte para altos executivos de empresas de grande porte, fui convidada para orientar a formulação de uma política de aproveitamento do lazer da Companhia Vale do Rio Doce. Um trabalho difícil pela grande diversidade do público-alvo, mas muito prazeroso.

Em 2003, participei do IV Seminário “O lazer em debate”, promovido pelo CELAR/MG fazendo a palestra “Reminiscências de uma educadora”, sobre o meu meio século de trabalho nessa área, e que depois foi publicada na revista *Licere*. Foi um seminário muito interessante, organizado pela Christianne Gomes, mulher pioneira, pesquisadora competente, muito ativa e produtiva.

E ainda poderia mencionar outros fatos, como pedidos de artigos para números temáticos de revistas bilingues da UNICEF e da OEA (Organização dos Estados Americanos), a coordenação de sessões de congressos internacionais, aqui e no exterior -- na Áustria e no Canadá, na Colômbia, nos Estados Unidos e na Índia, no Japão, México, Peru, Portugal e Suíça. Fiz conferências em cursos de pós-graduação para altos executivos de grandes empresas do País, oferecidos pela Fundação Dom Cabral (Belo Horizonte), de 1995 a 2002 e na Escola de Marketing Industrial (São Paulo) de 1998 a 2006. Recentemente, em 2009, minha trajetória profissional no campo do lazer foi tema da dissertação de mestrado de João Franco Lima, o que muito me alegrou.

E agora, Paulo Cezar, é melhor parar por aqui. Embora existam mais fatos marcantes -- coisa natural para quem vive muitos anos e trabalha muito, sempre com gosto -- ainda tenho que responder a novas perguntas.

Então viramos a folha. Veja o quadro síntese que acompanhava meu livro de Jogos. Você quer esta cópia? [Mostra o quadro.]

*Paulo Cezar* Eu quero, eu quero. Isso foi para a edição do livro em 1959?

*Ethel*: Sim. O livro foi escrito entre 1954 e 1959, quando nesse trabalho até fiz incursões precursoras no terreno da antropologia cultural.

*Paulo Cezar Uhum*.

*Ethel* - O livro deu um trabalhão. Na época não havia computador e eu entregava tudo manuscrito à datilógrafa. Como sou perfeccionista, fui revendo cada prova com tanto cuidado que reclamava até da falta de um acento. Cheguei a receber um bilhete da datilógrafa: “Assim é demais!”. Vou lhe contar como reuní e organizei o material.

Comecei por bibliotecas públicas no Rio, como as do MEC, SESC, SESI, Ministério do Trabalho e de grandes universidades. Paralelamente, enviei uma carta-circular a instituições semelhantes, aqui e no exterior, apresentando o meu projeto e pedindo publicações. Naquele tempo não havia email, mas o correio funcionava bem. E assim reuni muito material de qualidade, que levei meses analisando.

Ficou com duas partes. A primeira analisa fundamentos teóricos (científicos e filosóficos) da recreação, vista como necessidade humana (e não algo de supérfluo), para a seguir apontar diretrizes para o planejamento, a programação e a execução de atividades recreativas na escola. A segunda é uma coletânea de 550 jogos e 128 “prendas a pagar” (muitas delas inventadas por mim, afim de não expor os “penitentes” a novos insucessos, como era comum nas prendas a pagar” tradicionais).

Cada atividade traz a indicação dos objetivos educacionais específicos a que pode servir, dos erros mais comuns na sua execução (a prevenir) e de suas variantes em diferentes culturas. Para facilitar a escolha das atividades, todas estão grupadas por: faixa etária a que mais interessam e se adequam, tipo de habilidade física predominante e grau de intensidade da sua movimentação. Na esperança de receber sugestões e críticas do professorado, publiquei o plano do livro na Revista do INEP, como se espera em projetos-piloto, mas não tive qualquer retorno.

Enquanto isso, ui rascunhando os primeiros capítulos, catalogando as atividades e as agrupando em categorias. Entusiasmada, ia acrescentando inovações, como, por exemplo, padrões lúdicos universais e suas variantes em diversas culturas, que eu tinha identificado em análises comparativas de jogos praticados em diferentes partes do mundo. Nunca tinha visto em nosso meio esta preocupação com antropologia cultural. Além disto, incluí um capítulo de primeiros socorros, escrito por um médico (o meu marido) etc etc. Como naquele tempo não existia computador, comprei fichas de diversas cores para facilitar meu trabalho de classificações e comparações entre os jogos.

Naquela ocasião, eu ia às escolas orientar os professores, mostrando como planejar sessões de recreação. Com frequência as diretoras me diziam, “não temos tempo, as crianças ficam agitadas, sujam a sala quando voltam, nós não temos material, faziam uma porção de restrições. Para atender a essas restrições e facilitar consultas e o planejamento de sessões de recreação, inventei um índice analítico de entradas múltiplas usando símbolos e letras diferentes, talvez minha melhor inovação, que me deu um trabalho gigantesco. Por exemplo, se o professor queria encontrar um jogo para criança de 10 anos que não precisasse de espaço ou de material especial, o índice permitia localizar rapidamente jogos assim.

Havia também este quadrão que lhe mostrei, com os grandes objetivos educacionais a visar, classificados segundo vários critérios. Um quadro-síntese gigante, que ficava no fim do livro, dentro de um bolso, em folha dupla solta, para que os professores pusessem na parede e a usassem para planejar as aulas.

Isto foi nos anos 50. Agora vou lhe mostrar coisas interessantes dos anos 60, como o caso do Parque do Flamengo, você já passou por lá?

*Paulo Cezar:* Uhum.

Ethel: Ali era um aterro, um terreno conquistado ao mar. Um vazio de um milhão de metros quadrados no centro da cidade, que muitos queriam encher de pistas de rolamento. Primeiro os automóveis, depois as pessoas, não é? A sorte foi que uma mulher inteligente, culta e viajada, de alta posição social, Lota de Macedo Soares, só via aquela imensidão como lugar para um parque. Idéia pela qual decidiu lutar, inclusive contra os poderosos. Batalhadora e com excelente relacionamento social, buscou apoio em amigos, a maioria profissionais de renome. Com o seu reforço, iniciou uma campanha, mostrando às autoridades e à população que pistas de rolamento num terreno com dois gargalos, um em cada extremidade (de um lado Botafogo, de outro Flamengo), só resultariam em mais engarrafamentos. Pouco ouvida, continuou a insistir junto à imprensa e aos poderes públicos. E até foi à Câmara. Uma luta penosa e prolongada, mas com final feliz: o planejamento do Parque do Flamengo no largo espaço deixado entre as duas pistas.

A Lota ia frequentemente a Nova York, onde procurou especialistas em recreação, e pediu o nome de um profissional em recreação qualificado para assessorá-la, e indicaram meu nome. Ela foi à minha casa e fiquei encantadíssima porque nem tinham começado o planejamento. Aí sim, se pode trabalhar junto, o que é uma beleza. O grupo de trabalho era pequeníssimo, só tinha os grandes da arquitetura e do paisagismo, eu era a única educadora.

*Paulo Cezar* E quem fazia parte do grupo, professora?

*Ethel:* Já falei da Lota, que coordenava o Grupo. Só alguém como ela conseguiria reunir tantos notáveis para trabalhar com alegria e dedicação, anos a fio, num barracão de madeira, quentíssimo, no meio de um aterrado. Entre os arquitetos, destaco o Affonso Eduardo Reidy, que fez o traçado geral do futuro parque. Profissional talentoso, que deixou grandes obras, a minha predileta o Museu de Arte Moderna com aquela passarela lindíssima. Uma pessoa encantadora, inteligente, culta e gentil, com a qual trabalhei de perto no planejamento dos playgrounds. Quantas vezes, para atender a sugestões minhas, ele redesenhava o projeto. Por exemplo, um dia eu disse: “Tenho medo que as crianças sejam atropeladas quando correm atrás da bola, o que podemos fazer?” Aí ele colocou um talude de cada lado e ninguém pode sair dali, porque é fundo. Depois ele disse “vamos fazer campo de futebol ou campo de pelada? Vamos fazer diferente, algo que desencoraje o profissional de treinar, porque aqui só tem amador, porque nós estamos vivendo em um mundo em que todos são profissionais.” Ele usou dimensões deliberadamente diferentes das oficiais. Um lugar especial era a cidade das crianças. No dia da inauguração, foi uma alegria ver as crianças brincando de escola, brincando disso e daquilo. Eu sentei em uma das cadeirinhas, fiquei muito contente, tirei fotografias. Foi uma das minhas grandes alegrias - acompanhei toda a evolução do projeto, de um aterro até a inauguração de um parque.

Separei lugares que ajudassem as crianças a gostar de teatro, havia coisas lindas lá. Não quis balanço, porque balanço tem uma alta taxa de quebrar a cabeça, não quis gangorra porque não tem nada de criativo. O espaço estava com um equipamento muito bom.

Havia o Luiz Emygdio de Mello Filho, um botânico fabuloso, com quem aprendi muito, o Werneck e o Mamede, criadores inspirados e bem humorados, mas também o Jorge Moreira e o Roberto Burle Marx, talentosos mas de convívio difícil. Chamado exclusivamente para fazer o paisagismo, Burle Max fazia questão de planejar também outros atrativos, principalmente os dois playgrounds. Uma das suas idéias era embelezar o Parque com uma fileira de moinhos de vento -- que só iriam ocupar uma longa faixa do aterrado. Tudo isto foi gerando graves problemas com a Lota e comigo, que discordávamos dessas pretensões. Tivemos várias discussões. Tentamos argumentar que uma coisa é paisagismo e outra são facilidades materiais para estimular uma variedade de atividades recreativas. Que o aproveitamento do lazer não se restringe a atividades contemplativas ou a simples diversões. Cada vez mais insatisfeito, resolveu tornar públicas essas desavenças. Enviou a um jornal uma carta intitulada “Arbítrio nos

jardins do Aterro”, que criou uma celeuma. Tudo isto saiu neste livro [mostra “Flores Raras e Banalíssimas” de Carmen Oliveira], que conta o sonho e a luta da Lota pela concretização do Parque do Flamengo. O sonho foi dela, e foi ela quem escolheu os seus colaboradores. Como você vai ler isto [mostra o material que vai lhe entregar], não vamos perder tempo com o assunto.

*Paulo Cezar* Nesse caso a gente já entra na próxima pergunta, não?

*Ethel*: Sei não, para mim já acabamos. Ah, falta a história da primeira Secretaria de Estado de Desportos e Lazer do Brasil, no Maranhão. Um dia recebi um telefonema do Palácio do Governador do Maranhão, me convidando para assessorar a estruturação da SEDEL. Entusiasmada, concordei. Foi uma experiência muito interessante e agradável, pois, mesmo depois de criada a Secretaria, continuei a lhe dar minha colaboração. E voltei várias vezes a São Luís, tendo a satisfação de acompanhar de perto a realização de algo que ajudei a planejar.

*Paulo Cezar*: Uhum

*Ethel*: Quando comecei a arrumar papéis para mostrar a você, fiquei rememorando minha vida no Instituto de Educação, uma escola extraordinária, tanto do ponto de vista de infra-instrutora material, quanto da parte didática. A recreação era valorizadíssima, havia até uma disciplina no Curso Normal chamada Recreação. Tínhamos até escola primária modelo e um encantador jardim de infância para a parte prática da formação das normalistas.

*Paulo Cezar*: Bom eu queria ouvir, você falou um pouco do World Leisure Association. E sobre a ALATIR?

*Ethel*: Ah, a quinta pergunta, sobre minha experiência na WLRA, ALATIR e ABDR, não é? Você já pensou na alegria de ser co-fundadora de quatro associações que deram certo (estas e a IRA)? Tomar parte ativa em reuniões de comissões internacionais de planejamento, e até servir de intérprete (pois eu era uma das poucas políglotas das reuniões internacionais). Como já te contei, ao alargar o seu campo para incluir o lazer, a International Recreation Association (IRA) foi transformada na World Leisure and Recreation Association (a WLRA). Com o correr do tempo, grandes diferenças culturais nesse universo mais amplo foram evidenciando as vantagens de criar uma afiliada só para a Europa. O projeto foi discutido e aprovado numa

série de reuniões de representantes dos dois lados, que, por fim, elegeram uma comissão bilateral para definir as finalidades da European Leisure and Recreation Association (ELRA) e elaborar o seu estatuto.

A nova associação prosperou tanto, que anos depois, um processo semelhante de regionalização para a América Latina teve início na 1ª Conferência Internacional de Lideranças em Lazer, em Puerto Rico, em outubro de 1979. Avançou e tomou corpo no 1º Simpósio Latinoamericano de Educação não-Formal, realizado em Caracas em dezembro do mesmo ano. Ganhou força no ano seguinte, numa reunião constitutiva de líderes regionais, na Cidade do México, em julho de 1980, que elegeu uma Comissão para preparar a sua Constituição. Por fim, em 26 de setembro do mesmo ano, delegados de 14 países da América Latina, gentilmente acolhidos em Santiago pela Associação Chilena de Recreação, fundaram a Asociación Latinoamericana de Tiempo Libre y Recreación (ALATIR), com sede inicial no Chile, em Santiago, e elegeram sua Comissão Executiva, composta por cinco membros - da Argentina, Brasil, Chile, Colômbia e México. Seu primeiro Presidente foi o chileno Hernan Emeres. Me elegeram Vice-Presidente, e também, acredite, fui escolhida para ser a oradora do grupo na sessão de encerramento e fazer um agradecimento público - e em espanhol, sem ler.

Ao todo, foram praticamente dois anos de trabalho para dar vida à nova filiada da WLRA, que ao longo de todo o processo, deu apoio técnico e consultivo, identificando lideranças em lazer e recreação, fornecendo material de leitura, promovendo encontros e reuniões de especialistas. Um desses encontros foi na cidade de São Paulo, naquele centro lindo do SESC, que sempre associo ao Requiza, profissional de relevo, grande executivo, cujo admirável trabalho acompanhei com interesse. Só que sem concordar que o lazer seja algo do nosso tempo, produto da sociedade industrial, como ele e o Dumazedier acham.

*Paulo Cezar* Que importância essas duas associações tiveram

*Ethel:* Levaram o lazer para um lugar mais iluminado do palco, chamando a atenção para as contribuições do lazer e da recreação. Favoreceram cooperação internacional visando melhorar a qualidade de vida na região por meio da recreação e o uso positivo do lazer e contribuíram para aumentar uma massa crítica em favor de uma nova mentalidade.

Ao criarmos a ALATIR, tornamos mais visíveis as particularidades e necessidades da região, merecendo cuidados diferenciados. Sabemos que a designação América Latina é demasiadamente abrangente, pois não é uma região homogênea, não tem uma cultura comum. Ainda assim, foi um grande avanço.

*Paulo Cezar:* Tem algumas coisas ainda, professora, até uma coisa que não estava no meu script original, mas, de lá para cá, de 1942 para cá, você consegue perceber alterações no conceito de lazer e recreação no Brasil, algum marco importante?

*Ethel :* Sim. Um indicador bem simples dessa mudança é a frequência crescente do emprego do termo *lazer*. Antes só era usado por especialistas. Agora faz parte do vocabulário comum -- sinal do maior reconhecimento da sua importância. Nesse processo de disseminação, algumas instituições tiveram papel marcante, como o SESC, por exemplo, com um trabalho excelente, formação de pessoal e boas publicações. Mas de modo geral, não havia cursos com material, era um material escassíssimo para estudar.

Já a conceituação do lazer ainda varia muito. Vai desde a idéia de que é o oposto do trabalho até a compreensão do quanto significa na qualidade de vida. Alguns o confundem com ócio, outros só o associam a repouso. E ainda há aqueles que o igualam a atividades de livre escolha, que dizem coisas como “o futebol é o meu lazer”. Há até quem fale em lazeres, “os lazeres dos operários”, por exemplo, talvez por influência do francês “les loisirs”, ou seja, o que as pessoas fazem no seu tempo de folga. De qualquer forma, só usar mais a palavra *lazer* já é um avanço. Pena é que ainda não se generalizou sua conceituação como tempo privilegiado para exercer a liberdade de escolha. Necessidade humana básica, e que por isto mesmo exige atenção e cuidados especiais por parte das pessoas, da sociedade e dos governos.

Quanto à recreação, palavra já muito comum no vocabulário de todos, ainda é frequentemente confundida com diversão. Recrear é criar de novo, basicamente criar algo que anima a vida, alegre e faz bem a todos. Divertir é afastar-se do próprio caminho, o que nem sempre dá bom resultado. Na recreação, você é o agente, é quem faz e assim se alegre e se renova. Na diversão, você só muda o percurso, e chega a pagar a outros para que te divirtam. Uma coisa é jogar uma pelada, outra é assistir a um jogo. Torcer pelo seu time é bom, mas melhor mesmo é chutar a bola...

Vou lhe dar um exemplo desta evolução. Em uma das minhas palestras, havia uma engenheira que ficou muito interessada, e se convenceu que o lazer era importante. Ela tinha muito prestígio e ajudou a aprovar uma lei que, ao incluir-se um playground, o edifício podia aumentar o gabarito e ter uma série de isenções. Ela criou um programa regular de recreação organizado pelos moradores dos prédios que construía. Um prédio se valoriza se tem playground e as pessoas começaram a ver que isto era bom. Foi uma coisa muito boa, diferente,

e hoje em dia há playgrounds em quase todos os edifícios. Com essa mudança de atitude, os engenheiros passaram a valorizar o playground. Esta é uma percepção bem diferente daquele programa do Ministério do Trabalho que patrocinava espetáculos de teatro e distribuía ingressos para funcionários. Não é que isso seja ruim, mas uma coisa é diversão e outra coisa é recreação, atividade criadora faz muito bem à saúde e a diversão é mera diversão.

Agora vamos à sua quarta pergunta, contribuição teórica ao planejamento do lazer visto como necessidade.

*Paulo Cezar* - Isto, exatamente, é a esses dois temas específicos que eu vou me ater um pouco mais. O planejamento e o lazer como necessidade humana.

*Ethel*: Antes de escrever “O lazer no planejamento urbano” (o livro de que mais gosto), pesquisei muito, analisei referências históricas, consultei livros sagrados (como a Bíblia), busquei dados sobre achados arqueológicos, estudei a evolução do lazer ao longo dos tempos, etc etc. Sua presença constante, desde os tempos mais remotos, revelou-se um indicador confiável da sua necessidade para o ser humano. Uma percepção que fortaleci ao refletir sobre as suas grandes bases: tempo e liberdade de escolha. O tempo, um bem nobre porque é finito e irreversível: usou, acabou. Como lembrava o padre Vieira: até a fé, uma vez perdida pode ser recuperada, porém o tempo jamais. E a liberdade é anseio universal da humanidade, em todas as épocas. O tempo é a moeda da vida, que cada qual gasta a seu modo. A liberdade é o direito de escolher. Outras variáveis como facilidades materiais de espaço e equipamento, e orientação, sublinham a importância do planejamento do lazer.

Como sempre procuro estabelecer uma ponte entre a teoria e a prática, lembro que a palavra teoria vem do grego, *theorein*, que quer dizer “olhar para”. A gente dá um novo olhar, e enxerga coisas que os outros não veem, porque têm outra experiência, outros propósitos. Todos nós precisamos de um tempo para nossos projetos, um dos maiores, talvez, o de *ter*, que costumamos associar ao trabalho. Mas também precisamos de projetos de *ser*, de nos escolher... Algo que nos permita experimentar sentimentos de poder. Sentir-se senhor do mundo, ainda que só por alguns momentos. No carnaval, por exemplo, os que participam ativamente não se cansam. Você já acompanhou um bloco ou o desfile de uma escola de samba? Deve ser exaustivo, não é? Mas vale muito porque oferece momentos de autonomia, de afirmação como ser humano, que escolheu comprar uma fantasia cara (um sonho de luxo), fazer alguma coisa que ninguém o obrigou a fazer. Uma oportunidade para exercitar sua liberdade, algo

fundamental e indispensável à qualidade de vida. Em poucas palavras, que não são minhas, mas de um filósofo (Henri Bergson), “Escolher é retomar a posse de si mesmo”.

Quanto à conceituação do lazer, eu discordava (e continuo a discordar) da percepção do Dumazedier e da corrente que o apóia, e que tem muitos adeptos em nosso meio. Admiro muito o seu trabalho, mas não aceito que o lazer seja algo do nosso tempo, produto da sociedade industrial.

Só para você concordar comigo, vou lhe dar alguns exemplos. Veja na Bíblia aquele trecho do Êxodo, que todos conhecemos: “trabalharás seis dias e no sétimo descansarás”, e ainda promete castigar quem não fizer essa pausa. Uma visão do lazer como repouso, no qual não se pode trabalhar nem um pouquinho. Provavelmente destinado a cuidados com a alma ou, talvez, para depois poder render mais no trabalho.

Veja o que Aristóteles afirma na sua *Política*, no parágrafo 4, do capítulo 2, do livro 8: “O principal é com que tipo de ocupação cada pessoa usa o seu lazer”. Por isto, não posso aceitar que me digam que o lazer é produto da sociedade industrial. E, portanto, que não é necessidade básica do ser humano. É claro que a sociedade industrial, com a sua produção em série, aguçou a necessidade do lazer, como Charles Chaplin mostra em *Tempos Modernos*, filme em que uma pessoa só fica pregando um parafuso, outra só o aperta e assim por diante, ao longo de uma cadeia impessoal de produção. Isto sim, desperta o sentimento de que cada pessoa nem sabe o que está produzindo. E apenas uma peça entre muitas outras... Já o lazer sempre existiu. Está na Bíblia, está em Aristóteles, está em outros sábios da antiguidade.

Ah, me lembrei de outros exemplos: em 1995, arqueólogos encontraram uma flauta junto a restos do homem de Neanderthal. Um pedaço de fêmur de urso, com quatro furos, dois intactos e um deteriorado pelo tempo. Um instrumento musical, talvez o nosso primeiro, datado de 43 milênios! E para que serviria naquele tempo de luta incessante pela sobrevivência? Para ser tocada, fortalecer rituais, apoiar cantos e danças, animar festas religiosas. Espero que também para se alegrar e alegrar os outros.

No México, vi junto a templos grandes campos de jogo de bola, que serviam a um ritual religioso. E aqui, você conhece aquela brincadeira de criança, chamada Amarelinha? Sabe que existe em muitas culturas, só que com variantes no desenho riscado no chão? Aqui e em vários outros países, o desenho é o mesmo - de uma basílica, com suas subdivisões, alas laterais e o céu. E a pedrinha que se vai atirando em cada subdivisão representa a alma. A alma que precisa se esforçar para superar os obstáculos da vida, pulando num pé só, se abaixando e se levantando a cada passo, até atingir o céu. Na França, esta brincadeira se chama “marelle”, palavra que

vem de “marr”, pedra, provavelmente um símbolo das dificuldades que a vida nos vai oferecendo, e que temos de superar para chegar ao céu.

Outra atividade prazerosa, que também tem uma forte conotação religiosa na sua origem e exige esforço é o surf. De início, fazia parte de um culto religioso, facilitando a comunicação com um plano sobrenatural. E permitia mostrar coragem ao enfrentar a fúria dos oceanos. Para conseguir essa transcendência. Aprendi isto num livro sobre as viagens do Capitão Cook, grande navegador inglês, que, no século XVIII presenciou várias vezes essa prática na Oceania, registrou-a no seu diário e a descreveu com detalhes.

Olhe este material que estou lhe dando, bons artigos meus [mostra mais material]. Agora, se você não gostar a culpa é sua. É como Carlos Drummond de Andrade dizia: “Se você não gostou, foi o seu ouvido que entortou”.

*Paulo Cezar* - Você está em qual pergunta?

*Ethel* - A sexta. Você nem chega a me perguntar e já vou respondendo...

*Paulo Cezar* Pois é. Você é sua auto-entrevistadora!

*Ethel* - Desculpe.

*Paulo Cezar*: Não, imagina.

*Ethel* - É que eu estou preocupada com o seu tempo.

*Paulo Cezar*: Dessas experiências citadas anteriormente e outras que temos conhecimento, que profissionais e autores importantes do campo do lazer foram seus parceiros intelectuais, e quais suas contribuições?

*Ethel*: Na época em que comecei a lutar pela causa, trabalhava como voluntária, sem apoio de qualquer instituição, simplesmente como estudiosa. Eu era um autor que defendia idéias e lutava sozinha por elas e as apresentava onde quer que fosse convidada. Sempre me preparava, estudava muito, apresentava meu trabalho ao plenário, o trabalho era discutido, que podia ou não ser aprovado.

Nessas reuniões, eu conseguia formar parcerias temporárias com colegas de vários países, mas eram sempre parcerias eventuais. Aqui no Rio, no SESC, planejei a inovação de cursos para formação de animadores de lazer, e convidei um especialista suíço de projeção, Gustav Mugglin, que veio aqui dar um curso intensivo nesse sentido.

Não tive co-autores. Hoje meus filhos publicam muito com pessoas da França, da Polônia, porque dispõem das facilidades da Internet. Daqui, era muito complicado cooperar pelo correio com gente no exterior. E aqui no Brasil quase não havia massa crítica, eram poucas pessoas. Minha única parceria definida foi num livro de recreação para o jardim de infância, com a melhor professora de pré-escolares que conheci.

*Paulo Cezar:* Como ela se chama?

*Ethel:* Edvete Rodrigues da Cruz Machado. Escrevemos juntas um livreto, “108 jogos para jardim de infância”.

Minha grande tarefa como educadora e autora foi trabalhar para modificar a atitude das pessoas, para que aos poucos formassem uma massa crítica, capaz de ajudar a criar outra mentalidade. Quando comecei a trabalhar em recreação e lazer, tive de lutar contra preconceitos, contra a visão da recreação como algo só para crianças e do lazer como o contrário do trabalho. Depois, passei a lutar contra o espectadorismo, que transforma tudo em espetáculo, e as pessoas pagam serem divertidas. Basta ir a uma festa de aniversário de criança para ver como essa atitude vai sendo estimulada desde os primeiros anos.

Me aposentei como chefe do Departamento de Psicologia Educacional da pós-graduação da Fundação Getúlio Vargas, e na Fundação conheci muita gente de empresas. Quando eu me aposentei por idade, inúmeras empresas de grande porte passaram a me convidar para palestras com outros temas, mas sempre dava um jeito de incluir o lazer por constituir necessidade humana básica. Com isto, entrei em outra perspectiva do lazer tratado como parte da qualidade de vida. Assim, fui evoluindo em conceituação, ampliando meus horizontes em função dos convites que eu recebia.

Estou sendo útil a você?

*Paulo Cezar:* Acho que sim, deixa só eu continuar uma coisa, Ethel. Você comentou o trabalho do Requixa e alguma coisa sobre o Dumazedier. Há algum autor daquela época ou da época atual que você leu?

*Ethel*: Inúmeros! Sou leitora constante, vivo cercada de livros. Leio mais em inglês, porém entre os autores franceses da nossa época, destaco Jean Fourastié, cujo livro *Les loisirs, por quoi faire?* Li e reli várias vezes. Quanto ao Dumazedier, li com prazer vários trabalhos dele, em especial *Vers une civilisation du loisir*, livro interessante e bem escrito, que foi publicado no Brasil sob o estranho título “Lazer e cultura popular”. Só que, como já te disse, partimos de premissas diferentes. Ele vê o lazer como questão dos tempos modernos, associada à sociedade industrial. Eu o vejo como uma das necessidades básicas do ser humano, presente desde a antiguidade. Uma discordância básica, que me levou a publicar o livretinho *Lazer: necessidade ou novidade?* Nele defendo a minha percepção com novos argumentos -- versos eloquentes, que garimpei nas minhas leituras, em poetas de várias épocas. Uma defesa original, que inventei por gostar imensamente de poesia e apreciar o seu poder de tocar o coração. Mexe tanto com ele que nos emociona, nos comove, nos leva a agir. A propósito, a palavra poesia vem do grego *poiein*, que significa fazer, agir. O poeta, com sua visão e poder de síntese, é um intérprete privilegiado do sentimento da sociedade em que vive. Alguém que enxerga longe, e por isto também é capaz de antever o futuro. Daí ser chamado de *vate*, isto é, aquele que vaticina o futuro, um profeta. Uma das minhas atividades de lazer é descobrir a origem das palavras, um gosto que aprendi com meus pais.

Infelizmente, no mundo atual, imediatista e apressado, não tenho encontrado muitos que apreciem a poesia e reconheçam a sua força. Sempre correndo, parece que olham mais para o relógio do que para as coisas boas da vida.

Na vida atual, uma combinação de fatores, como explosão populacional, prolongamento da duração da vida, urbanização crescente e desordenada, que destrói áreas livres, ocupa cada vez mais espaços, vai criando aglomerações humanas, que passam a viver num meio ambiente degradado, em condições que agravam seus problemas pois nem lhes permitem atender às suas necessidades básicas, entre elas a de aproveitar bem seu tempo livre. E assim, o lazer, que antes era uma questão de escolha pessoal, passou a constituir uma das responsabilidades da sociedade, a pedir políticas públicas específicas, que pelo menos incluam reserva de espaços livres e formação de especialistas na área. Políticas que estimulem atitudes que ajudem a formar uma massa crítica, convicta da importância do lazer na vida de todos, do gosto de criar (em oposição ao espectadorismo dos nossos dias), e uma consciência ecológica.

Um exemplo vivo da necessidade de criar essa mentalidade foi a luta pela construção do Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro. Uma batalha que durou mais de dois anos. E teve que prosseguir mesmo depois de pronto e em funcionamento, para conseguir o seu tombamento e impedir seu desvirtuamento por atividades comerciais de diversão. E isto na segunda metade do

século XX! Uma de suas maiores contribuições foi preservar para sempre áreas livres em pleno centro urbano, em meio a muralhas de edifícios altos e pistas de rolamento. Tudo conquistado a duras penas pela incansável Lota, de quem já te falei.

Vivemos num mundo servido por tecnologias de ponta, interconectado em tempo real, mas onde também existem habitações sem esgoto e até sem água, mas todas com antenas de televisão. Você sabe que, num país tropical como o nosso, as vendas de televisões têm superado as de geladeira?

Outro aspecto que precisamos levar em conta para justificar a defesa de mais atenção dos governantes ao lazer é seu valor de mercado, oferecendo empregos em turismo, alimentação, fabricação e venda de material para suas atividades etc. O uso de lazer interessa ao Brasil porque é excelente fonte alternativa de energia renovável (acabo de inventar mais essa), porque a energia que o lazer libera é renovável, e tem um impacto ambiental importantíssimo.

Outra coisa também é que impulsiona a valorização da cultura local, porque hoje em dia em toda parte se canta rock, todo mundo canta em inglês, a trilha sonora da novela é em inglês, não é? As diversas culturas vão sendo abafadas pelos meios de comunicação em massa, precisamos ampliar a consciência ambiental e entender que o lazer passou de opção pessoal a ser responsabilidade social.

*Paulo Cezar:* Pelo visto você respondeu qual é a compreensão no mundo de hoje principalmente nas questões relativas a lazer e recreação.

*Ethel:* Esqueci de falar no networking, que é fundamental na criação de uma massa crítica. E o lazer oferece melhores condições para networking que o trabalho, com suas regras e ambiente formal. Agora só queria dizer mais uma coisa, e depois te deixo em paz.

*Paulo Cezar:* Vamos lá.

*Ethel:* Vivemos num tempo de mudança rápida e continuada, num verdadeiro império do efêmero, que tem impacto direto no dia-a-dia. E como essa mudança é acelerada, precisamos aprender a coexistir com estilos de vida diferentes, tanto o dos que já chegaram lá, quanto o dos que ainda estão a caminho e até com o daqueles que nem se deram conta das mudanças. Eu, por exemplo, que era avessa ao telefone celular, fui obrigada a ter um, porque passou a ser uma necessidade .

Nossa sociedade vai sufocando a recreação e o amadorismo, transformando tudo em espetáculo, oferecido por profissionais, como as copas e torneios desportivos, as olimpíadas. O crime é espetáculo, as fraudes são espetáculos, não há mais espaço para o amador, a recreação comercializada não é re-criação, é diversão.

O Brasil, como todo o mundo, está passando pelo avanço veloz de ciência e tecnologia e a aplicação imediata da tecnologia está dando ao homem poderes extraordinários. Li uma frase muito bonita que diz que a tecnologia deu aos homens poderes até de criar, transformando os homens em semi-deuses. Mas a tecnologia também tem o seu lado negativo – veja que a internet é muito boa, mas tem vírus, tem hacker, tem bullying, e as crianças sentadas o dia inteiro diante da televisão, do computador, do videogame.

*Paulo Cezar:* Exatamente.

*Ethel:* E com a explosão demográfica, a explosão urbana, a urbanização desordenada vem a devastação de matas, a degradação do meio ambiente. O lazer é um terreno privilegiado onde é possível promover mudança de mentalidade por meio de atividades como turismo ecológico, acampamentos, excursões, caminhadas na mata, visitas a hortos e museus... Só que é preciso uma programação bem feita para promover a educação ambiental e criar a mentalidade de preservar o meio ambiente.

*Paulo Cezar:* É, professora, só mais um tópico, posso perguntar?

*Ethel:* Claro!

*Paulo Cezar:* Sobre os poemas citados em várias das suas publicações, percebemos a atuação de Ethel Bauzer Medeiros, atenta com as palavras e sensível. Você conseguiria condensar o campo do lazer e da recreação em um poema?

*Ethel -* Não, jamais escrevi um poema. Infelizmente não tenho dons para algo tão difícil. Mas escolhi estes dois aqui, de autores com quem me identifico, um a moderar o rigor do outro. E, ao escolhê-los, revelei meus sentimentos. Tal como fiz nesta entrevista, pois ao contar de si, cada um se escolhe.

*Paulo Cezar:* Tá, eu posso ler?

*Ethel* – Lê.

*Paulo Cezar*: Vamos lá. “Ode”, Ricardo Reis [lê em voz alta]

Para ser grande, sê inteiro,  
nada teu exagera ou exclui,  
sê todo em cada coisa  
põe quanto és no mínimo que fazes assim  
em cada lago a lua toda brilha porque alta vive.”

*Ethel* - Agora leia a Cecília Meireles, a alertar contra pretensões descabidas.

*Paulo Cezar* [lê em voz alta]

“Todos os dias estarás refazendo o teu desenho,  
não te fatigues logo,  
tens trabalho para toda vida  
e nem para o teu sepulcro terás a medida certa, somos sempre um pouco menos do que pensávamos, raramente um pouco mais.”

*Ethel* - Não é lindo?

*Paulo Cezar*: Bom, eu posso fazer só um comentário?

*Ethel* - Pode

*Paulo Cezar*: É gozado que a professora Ethel estude lazer e recreação a vida toda e, no entanto, os dois poemas falem de trabalho, falem de atividade...

*Ethel* – Para quem gosta do que faz, e o faz com prazer, qualquer fronteira que se possa imaginar entre trabalho e lazer desaparece. A essa altura da minha longa vida, é uma alegria conhecer mais um jovem, estudioso e trabalhador, que ajuda a levar adiante uma causa pela qual eu lutei tanto, é uma alegria enorme.

*Paulo Cezar*: É um trabalho que é recreativo.

[Examina o material que Ethel está mostrando.]

*Paulo Cezar:* Estas últimas páginas são crônicas da sua vida pessoal?

*Ethel:* Não, são crônicas sobre temas que sempre me interessaram e que nestes últimos anos (desde 2001) venho publicando numa revista técnica voltada para empresas. Se te interessar, são um presente para você.

*Paulo Cezar:* Obrigado Ethel, vai ser bem aproveitado.

Concluída a entrevista combinada, Ethel ainda respondeu a duas novas perguntas. Encerrada esta parte profissional, passamos a uma conversa particular, de companheiros de ideais, durante a qual a Ethel foi oferecendo cópias de trabalhos que publicou (artigos, capítulos e trechos de livros, prefácios, etc.) e também recortes de jornais, com notícias da sua atuação. Tudo numa conversa privada, em que foi comentando cada documento à medida que o mostrava.

**Endereço dos Autores:**

Silvia Cristina Franco Amaral  
Rua Doze, 424-Residencial Paineiras  
CEP.: 13140-000 – Paulínia – SP  
Endereço Eletrônico: [scfa@unicamp.br](mailto:scfa@unicamp.br)